



SOL 11-09-2009	Periodicidade:	Semanal	Temática:	Cultura
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	804
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	67140	Página (s):	44



Numa primeira fase, a Casa das Histórias de Paula Rego terá entrada gratuita e funcionará todos os dias, das 10 às 22 horas

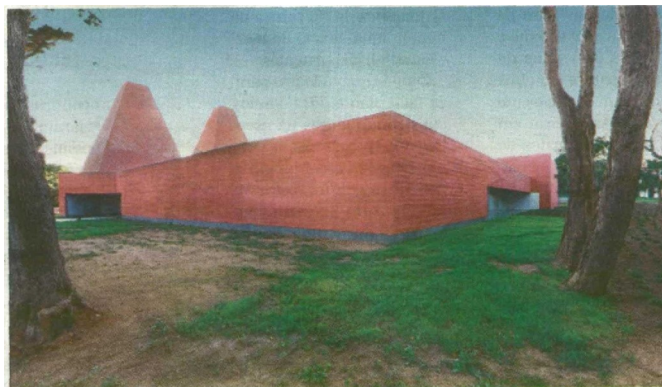
A obra ao vermelho

Inaugura dia 18 a casa que Souto Moura projectou para as histórias de Paula Rego

Vladimir Nunes

EM CASCAIS há quem, jocosamente, lhe chame «crematório» por causa das duas grandes pirâmides – ou «chaminés» – que impõem na paisagem a presença da Casa das Histórias Paula Rego, com projecto arquitectónico de Eduardo Souto Moura e inauguração marcada para o próximo dia 18. Mas na verdade, debaixo daquelas imponentes formas – inspiradas num pormenor de uma das várias casas que, na vila, integram o legado de outro notável arquitecto, Raul Lino – funcionam a loja e a cafetaria do novo equipamento cultural dirigido por Dalila Rodrigues, que antes deixou a sua marca no Museu de Arte Antiga.

A escolha da directora e do arquitecto partiu da própria Paula Rego, que doou à Câmara de Cascais a totalidade de uma obra gráfica que ascende a 257 exemplares, assim como centenas de desenhos. A esse espólio acresce o empréstimo, por dez anos e renovável por iguais períodos, de algumas dezenas de pinturas, quer da autoria de Rego, quer do marido, o pintor britânico Victor Willing, falecido em 1988. A ele será dedicada a segunda exposição temporária da Casa, no mesmo espaço onde já se encontra, para ficar até 18 de Março de 2010, um conjunto de telas de Paula Rego, proveniente da colecção da Marlborough (a galeria londrina que representa a artista). De seis em seis meses haverá uma nova proposta para conhecer nessa sala.



Na exposição permanente, que apesar de encher sete salas de dimensões variáveis está longe de esgotar o espólio da Casa (fica, portanto, assegurada a rotatividade da colecção), as obras foram dispostas cronologicamente, embora não num sentido estrito. A mais antiga é uma tela intitulada *Live Painting*, de 1954, quando Paula Rego ainda frequentava a afamada Slade School of Fine Art, em Londres, e privilegiava um registo figurativo, que a seguir abandonou para mais tarde abraçar de novo, colhendo as boas graças da crítica e do público. A prová-lo estão os mais de 157 mil visitantes que, em 2004, foram a Serralves ver a última grande retrospectiva da pintora.

Mas voltemos ao nosso singular edifício vermelho-tijolo – cor que resulta de

um pigmento de óxido de ferro misturado no betão e é suposto aclarar com o tempo. Além dos 750 metros quadrados de área expositiva, da loja e da cafetaria, há um auditório com 200 lugares. No exterior, uma agradável esplanada e um não menos agradável jardim convidam a uma pausa. A uma não, a muitas pausas, visto a Casa das Histórias estar aberta todos os dias, das 10 às 22 horas, e ter entrada livre, pelo menos durante aquilo a que a directora chama um «período experimental», destinado a «conhecer as necessidades e expectativas do público».

«Este projecto fixa em Portugal, permanentemente, um conjunto muito significativo de obras da mais internacional artista portuguesa», diz Dalila Rodrigues ao SOL, sublinhando:

«O horário de abertura e a gratuitidade constituem um esforço significativo que deverá ser visto como tributo da Câmara Municipal de Cascais à cultura nacional e aos circuitos da sua internacionalização». Questionada sobre o sentimento e as eventuais dificuldades de conviver de perto com a artista, a directora da Casa responde, peremptória: «Paula Rego é uma mulher encantadora. Não imagina como aprecio o seu sentido de humor, a sua simplicidade e a sua sinceridade. Trabalhar com ela é um enorme prazer».

Sobre as razões que terão levado à escolha de uma historiadora da arte e não de um crítico para dirigir a Casa das Histórias, Dalila Rodrigues intui: «A partir das longas sessões de trabalho que tivemos conjuntamente, tenho a indicação de processos e pensamentos críticos muito mais associados à National Gallery do que, por exemplo, à Tate Modern. Paula Rego tem pelos mestres e museus de arte antiga uma deferência muito especial, partilhámos essa visão». Para a directora, «essa relação entre a obra de Paula Rego e a História da Arte abre um amplo território no sector das exposições temporárias». Sem querer adiantar demasiado sobre projectos nesse domínio, deixa escapar: «Há duas referências incontornáveis na obra de Paula Rego – William Hogarth e Goya – e tudo farei no sentido de trazer à galeria de exposições temporárias obras desses dois mestres».